

Refletindo sobre a interlocução em pesquisas com música

José Alberto Salgado

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

David Ganc

Doutorando em Práticas Interpretativas (UNIRIO)

Bolsista FAPERJ

Júlio Erthal

Doutorando em Etnografia das Práticas Musicais (UNIRIO)

Bolsista CAPES

Leonardo Rugero Peres

Etnomusicólogo/Compositor

Jonathan Gregory

Doutorando em Antropologia Social (Queen's University Belfast)

Bolsista CAPES

Resumo: Conhecimentos se constroem com trocas simbólicas, e um tipo fundamental dessas trocas é a comunicação verbal entre os sujeitos que participam de uma pesquisa. Este ensaio explora problemas e limitações da interlocução para a construção epistêmica, considerando também os fatores dialógicos que trazem ganhos à pesquisa com práticas de música, em termos de legitimidade e interesse dos participantes. Discute modos de produzir conhecimentos e apresentar resultados, e comenta pesquisas recentes em contexto brasileiro. Dirige-se a pesquisadores em linhas diversas de investigação com música, propondo debates e continuidade de experiências pautadas pela atenção às relações criadas entre os participantes durante e após o trabalho de campo.

Palavras-chave: Interlocução. Trabalho de campo. Práticas de música. Ética e epistemologia

Considering dialogue in music research

Abstract: Knowledge is produced by means of symbolic exchanges, including, as a basic form, the verbal communication between the persons who take part in a research. This essay explores problems and limitations of interlocution

in relation to epistemic construction, considering, on the other hand, the dialogical factors that may lead a research of musical practices to various gains in terms of its legitimacy and interest of the participants. It discusses the modes of producing knowledge and presenting results, and commentates recent researches in Brazil. The essay is directed to researchers in various pathways of music investigation, proposing further discussions and the continuity of experiences oriented by the attention to relations between participants during and after fieldwork.

Keywords: Dialogue. Fieldwork. Musical practices. Ethics and epistemology

Introdução

Este ensaio explora problemas da interlocução em pesquisas com práticas de música, reunindo reflexões sobre trabalhos recentes e apontando parâmetros para novos investimentos naquela via epistêmica. Propõe discussão sobre o modo de produzir discursos e conhecimentos referidos a uma prática, com atenção especial ao modo de relacionamento dos sujeitos com o processo de pesquisa.

A acepção da palavra interlocução é especificada aqui como um processo de comunicação verbal entre pessoas que tomam parte numa pesquisa. Se elas, na tradição da etnografia e em outras formas de pesquisa qualitativa, têm sido quase sempre pensadas em dualidade – como “informante(s) e pesquisador”, “pesquisador e pesquisado(s)”, “entrevistador e respondente(s)” – serão pensadas aqui como conjunto de participantes, incluindo quem formalmente propõe uma pesquisa.

Convém esclarecer que, ao imaginar o engajamento dos participantes num processo de diálogos e teorizações, tem-se em mente um contexto específico para trabalhos de campo com práticas musicais, muito frequente no Brasil: o da pesquisa feita em território “familiar”, “em casa”, pressupondo compartilhamento de um idioma e de outros códigos culturais¹. No âmbito geral das músicas, isto corresponde a pesquisar com mestres, aprendizes, estudantes ligados a instituições, colegas de profissão e outros integrantes de uma prática musical com que se tem alguma experiência prévia, ou que possa ser situada num nível de “alteridade próxima”²: os sons ouvidos no campo não terão a marca do “exótico”, e é possível que

o/a proponente e os potenciais participantes já tragam em comum certos códigos de técnica e estética, além de outros comportamentos. Uma boa ilustração desta possibilidade é sintetizada por Luciana Prass na transcrição do seguinte diálogo em campo, com um líder do *Maçambique* de Osório, RS:

Luciana: Pois o que eu tô querendo fazer... vocês já têm vários cantos escritos, né? Mas aí eu quero fazer a parte da música, direitinho, ver se eu consigo.

Chefe Faustino: Fazer as partituras? (PRASS, 2013, p. 217)

Com esse recorte, e tratando de reconhecer as limitações que a interlocução impõe como recurso metodológico – apontadas por autores como Bourdieu (1998), Bernard (2011), Raz (2001) –, o ensaio renova uma franca aposta em seu potencial epistêmico, sugerindo alguns parâmetros para um aproveitamento criterioso, a partir de negociação entre os agentes engajados numa pesquisa. Discussões do texto encontrarão também relações de interesse com a ética democratizante e emancipadora de outras ações de pesquisa comentadas adiante.

O texto está organizado em três partes: a primeira aponta limitações da interlocução como recurso epistêmico; a segunda comenta quatro experiências recentes de pesquisa com práticas musicais, nas quais a interlocução teve papel fundamental; a terceira aponta produções em coletivo no país e faz mais considerações sobre a interlocução em pesquisa. Na conclusão, são formulados pontos para discussão, tendo em vista sua possível utilidade para a preparação de pesquisadores e para pesquisas em andamento.

No tom de homenagem à memória de uma docente e pesquisadora cuja contribuição seguirá sendo percebida

1 Ver, por exemplo, Nettle, 1995, 2002; Salgado, 2005a, 2005b; Araújo; Salgado, 2009.

2 Peirano (2006) distingue quatro tipos principais de alteridade na prática antropológica brasileira.

e desenvolvida por muito tempo adiante, especialmente entre quem se dedica a estudar práticas musicais, a expectativa é que este ensaio seja útil nos cursos e pesquisas em que se trabalhe no rumo constantemente proposto por Elizabeth Travassos: o de compreender o que se faz quando se faz “música” – incluindo na tarefa a própria análise e crítica dos *modos como estudamos* essas diferentes e complexas práticas humanas.

Reconhecendo limites da interlocução

Em pesquisas com práticas musicais, a interlocução costuma ter papel central: o encontro entre pessoas que dizem e que se ouvem tem o potencial de se desdobrar em anotações, análise, interpretações, com vistas a uma compreensão do que acontece em tais práticas.

Ao mesmo tempo em que se reconhece esse potencial, é importante reconhecer os limites da interlocução como fonte de construção epistêmica. Interlocução e diálogo são termos genéricos e, a fim de que não passem simplesmente como “palavras positivas”³, sempre vão depender de uma análise de como se produzem em cada relação social. A cada situação de encontro e interlocução, há limites e possibilidades colocados pelas relações de poder – concretas e simbólicas, ostensivas ou tácitas, em parte preestabelecidas mas também criadas circunstancialmente entre os sujeitos. Para interpretar a produção dos discursos, importa reconhecer diferenças de posição social e de estilo ao expressar o que pensamos, conforme a situação, conforme quem é o outro, e como está diante de nós.

Em discursos genéricos de metodologia da pesquisa científica, a interlocução é pensada principalmente no enquadre da entrevista, estudada em seus modelos e técnicas mais consolidados. Podendo ser abordada nesses textos como instância de aparente neutralidade, mesmo assim aparece a consideração de dificuldades e limitações. Referindo-se ao que pode ser conseguido com a entrevista, Fraser e Gondim consideram que ela “dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador”.

Ganhamos acesso “às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante”; em contrapartida, as autoras reconhecem que “quando o foco de investigação é o comportamento humano, ou seja, a forma como as pessoas agem no cotidiano e não somente falam sobre ele, existem outras técnicas (...) que permitem melhor atender a este objetivo” (FRASER; GONDIM, 2004:140). Mas as dificuldades seriam questão de técnica somente, e estariam resolvidas apenas por uma divisão de trabalho, entre ouvir o discurso e observar a ação?

No campo de pesquisas antropológicas e etnomusicológicas, toda uma prática tradicional de entrevistar informantes passou e continua a passar por críticas que enxergam ali muitas formas, mais ou menos sutis, de imposição do poder colonial, investido na figura do pesquisador ante o respondente dominado⁴. Se olharmos para o campo da educação, com suas práticas históricas de interlocução, lembramos que Paulo Freire teorizou sobre a opressão como tendência humana generalizada – presente também na relação educativa –, e capaz de se valer de fatores os mais diversos: procuramos prevalecer sobre o outro com apoio em diferenças de poder econômico, força física, idade, gênero, escolaridade etc. (FREIRE, 1997).

Há também convenções de discurso que se estruturam e se reproduzem em cada grupo social. Ao colaborar para este ensaio, Jonathan Gregory chamou a atenção para uma teorização metodológica segundo a qual “as pessoas reportam imprecisamente seus próprios comportamentos” (BERNARD, 2011:246). Há convenções que se podem verificar por gênero, por exemplo: “meninos adolescentes tendem a exagerar, e meninas adolescentes a minimizar, os relatos de suas experiências sexuais” – e isto se conformaria à expectativa mais geral do autor, de que, em seus relatos, as pessoas supervalorizam o comportamento socialmente desejável, enquanto escondem o indesejável. Citando a mesma fonte, Gregory ainda destaca: “as entrevistas são encontros sociais. As pessoas manipulam tais encontros para o que quer que imaginem ser vantajoso para elas” (BERNARD, 2011:247).

De um outro ponto de vista, Joseph Raz (2001) também faz observações no sentido de se evitar tomar como verdade aquilo que é dito por alguém para explicar suas razões em agir de tal ou qual maneira:

3 *Approval words*, como se diz em inglês, no sentido de dizer uma espécie de senha, da ordem do “politicamente correto”, buscando-se pré-aprovação dos pares e do público em geral.

4 Ver Clifford; Marcus, 1986; Clifford, 1998; Barz; Cooley, 1997.

Podemos estar equivocados sobre as razões pelas quais agimos. Podemos pensar que agimos por razões que não são genuinamente as nossas razões, ao passo que rejeitamos o pensamento de que nossas razões são as que são, realmente. Podemos também simplesmente estar conscientes de apenas algumas razões ou alguns aspectos de nossas razões, e inconscientes de outras razões ou outros aspectos. (RAZ, 2001: 231)

Para as situações de pesquisa, a interlocução apresenta, portanto, uma complexidade de condições e de variáveis que se impõem como limites ao trabalho analítico. É necessário problematizá-la, assim como faz Roberto Cardoso de Oliveira (2006) com os “atos cognitivos” de olhar, ouvir e escrever, ao situá-los na pesquisa antropológica. A interlocução remete diretamente a ouvir, ouvir o que diz o outro. Mas envolve também dialogar, que podemos tratar como um ato cognitivo específico e complexo, capaz de – num eixo tendo como pólos eu e você, *self* e outro – deslocar a atenção dos participantes para o *entre si*, entre dois ou mais. Mediada pela interlocução, a apreensão de um objeto examinado em pesquisa passaria assim ao nível do conjunto, das parcerias, dos debates e disputas.

Digo “debates e disputas” porque o diálogo é uma prática complexa de interação e obviamente pode se desenvolver com divergências, condicionadas às intenções dos sujeitos e às posições que ocupam no espaço social. Em outro artigo (SALGADO, 2011), apresentei o tema da variedade de relações e intenções com que os diálogos ocorrem, com base numa análise dos diálogos de Platão, retomada de Gadamer por Nicholas Burbules: seu exame mostrou que, no conjunto de representações do diálogo socrático, é possível reconhecer espécies bem diversas (inclusive a que chamou de “monólogo disfarçado”). Burbules acrescenta uma variedade que propõe para a relação educativa – e acreditamos que seja muito produtiva para a interlocução em pesquisas com práticas musicais. Uma que é conscientemente dedicada à compreensão do outro, como se cada parte seguisse a orientação: “o que quer que eu pense a respeito, por que esta pessoa olha para as coisas desse jeito, e o que a levou a essa visão?” (BURBULES, 1990, p. 126). Uma análise dos diálogos como esta interessa a pesquisadores, inclusive como instrumento de avaliação, ao oferecer uma lista de categorias com que se pode responder à pergunta: como estou

me portando nesse episódio de interlocução? Que tipo(s) de diálogo temos/tivemos aqui?

Ao dialogar com profissionais, aprendizes, estudantes, professores e outros agentes de uma prática musical, o pesquisador acadêmico pode se deparar com atitudes de estranhamento à menção de “pesquisa”. Em sua constante e importante teorização sobre a *prática*, em sentido geral, Pierre Bourdieu trata de distinguir o “ponto de vista escolástico”⁵, aquele de quem observa as ações em que outros estão intensamente envolvidos como jogadores de um jogo com suas regras e pressões, com sua “lógica da prática”. Relatos de “entrada no campo” costumam evidenciar, nas etnografias, a diferença de tempos, investimentos e lógicas entre os interlocutores, e dificuldades são percebidas além do momento inicial.

O analista está sujeito a cair em todos os erros que surgem com a tendência de confundir o ponto de vista do ator com o ponto de vista do espectador, por exemplo procurando por respostas às questões de um espectador que a prática nunca pergunta porque não há necessidade de perguntá-las, em vez de pensar se a essência da prática não é precisamente aquilo que exclui tais questões. (BOURDIEU, 1990:82-83)

Não é difícil admitir, com Bourdieu, que exista um nível não-reflexivo no *modus operandi* de quem está imerso numa prática: no ritmo intenso do envolvimento com as regras incorporadas e os investimentos pessoais, na “luta pela sobrevivência”, tudo parece urgente e a demanda por ações habituais é constante. Pesquisadores, aliás, não flutuam acima dessa pressão, e como praticantes de um *métier* estão sujeitos ao que o autor vai dizer adiante: pensadores vivem em um estado de não-pensar os pressupostos que tornam possível seu pensamento, sua atividade (BOURDIEU, 1998, p. 129).

Por outro lado, e por isso mesmo, a interlocução em pesquisas sobre a prática demarca um espaço singular, um tempo com “pausas para pensar”, que os agentes-praticantes podem ver como relevantes para alguma nova elaboração de seus discursos, ao mesmo tempo em se apropriam de tropos do discurso acadêmico, possível-

5 Com referência ao filósofo John L. Austin, em *Sense and sensibilia*.

mente reutilizáveis para fins de autoapresentação, negociação de seus interesses em outras frentes etc.

Em pesquisas com interlocução, toda consideração sobre seus limites é relevante como alerta contra possíveis tendências à ingenuidade ou à pressa, sem no entanto anular a necessidade que temos, na prática estruturante da ação acadêmica, de continuar tratando os discursos como fontes, e de continuar escrevendo como forma principal de construir e comunicar análises e interpretações – isto é, como maneiras de reconhecer e compreender a realidade segundo visões e narrativas que se sucedem e disputam por legitimidade, entre si ou comparando-se a outras. Nem os discursos “no campo” podem ser tomados como fontes indiscutíveis de alguma verdade ontológica, nem os escritos produzidos a partir deles fornecem um acesso direto a esse tipo de construto.

Com a discussão acima, chegamos a uma razoável nitidez dos limites e expectativas sobre o trabalho analítico baseado em experiências de interlocução. No rumo para uma construção epistêmica qualquer, enquanto lidamos com o que é dito, com as maneiras de dizer, e com as condições que atuam objetivamente sobre a produção dos discursos, não cabe almejar mais que o possível dentro das limitações – e, ainda assim, será sempre complexo e exigente o conjunto que se oferece à análise.

A interlocução examinada em quatro trabalhos de campo

Nesta seção, dialogo com as reflexões de quatro pesquisadores cujas pesquisas têm apoio importante na interlocução com músicos situados em áreas e modos diversos de atuação. Este tipo de vínculo sustentado durante suas investigações foi o critério para selecionar e convidar os colaboradores, e não a afiliação a determinada linha de pesquisa ou campo disciplinar – embora três deles tenham escolhido em seus programas de pós-graduação a linha denominada “Etnografia das Práticas Musicais”, diretamente ligada à interlocução e à tradição do trabalho de campo. Ao conduzirem uma parte de suas pesquisas “em campo”, todos firmaram uma interação continuada com outros sujeitos – e este marco é importante para caracterizar investigações que optam por tomar como matéria central os discursos e outros com-

ponentes do encontro e da intersubjetividade, no trato direto com pessoas.

Junto a um texto que apresentava brevemente a proposta de construção deste ensaio, três perguntas foram enviadas por correio eletrônico aos pesquisadores Leonardo Rugero Peres, Júlio Erthal, Jonathan Alexander Gregory e David Ganc. Os três primeiros haviam concluído suas dissertações de mestrado⁶, enquanto David estava perto de concluir a sua. As perguntas eram: 1) Durante um processo de pesquisa, o que é que se aprende com o diálogo?; 2) De que maneiras a interlocução afeta a compreensão de um objeto de estudo?; 3) Em relatório de pesquisa, como escrevemos sobre a interlocução, e o que dizemos sobre seu papel na construção e autoria de determinada “descoberta” ou interpretação?

Apresenta-se a seguir uma edição comentada do conjunto de respostas. O comentário foi preparado em sistema de ida-e-volta, com os colaboradores revisando a primeira versão de síntese que enviei, e podendo apresentar novas sugestões, configurando-se assim uma espécie rápida de “edição dialógica”, forma proposta pelo antropólogo James Clifford, no sentido de moderar o que identifiquei como a “autoridade etnográfica” (CLIFFORD, 1998). A correspondência eletrônica com os colaboradores efetuou uma negociação, em pequena escala, de forma e conteúdos a serem publicados.

O comentário

Ao falar do que aprendeu com a interlocução durante sua pesquisa com sanfoneiros nordestinos, Leonardo Rugero Peres aponta qualidades que podemos situar talvez na dimensão do “sentido” ou intuído, daquilo que é menos verbalizado: usa palavras como intensidade, densidade, profundidade, revitalização (da relação entre os interlocutores), tendo percebido essas qualidades especialmente na modalidade de diálogo que vinha com “a despretensão da prosa descontraída”, comparando com a relação mais formalizada de entrevista:

O diálogo se revestia de maior densidade sobretudo nos momentos de relaxamento, ou seja, naqueles instantes em que os gravadores, as câmeras fotográficas ou filmadoras estavam des-

6 Ver Peres, 2001; Erthal, 2012; Gregory, 2012.

ligadas, entre um gole e outro de café, durante uma conversa informal. Talvez, tenham sido estes os momentos de maior intensidade e aprendizado (...)

Esta interação com abertura para momentos não planejados sempre abre margem para maior complexidade, não podendo ser presumida como fácil ou livre de desafios para quem pesquisa. Desde que a disposição do pesquisador seja avessa à imposição da própria autoridade (e mesmo quando a pesquisa não se denomine pesquisa-ação/participativa/colaborativa), os interlocutores podem influenciar nos rumos do trabalho, e isto pode requerer acomodação custosa, difícil. No caso, Rugero se mostra gratificado por ter acatado uma sugestão de seu principal interlocutor, o sanfoneiro Zé Calixto, que o instou a aprender a tocar um instrumento central para a pesquisa. “Se até então a sanfona de oito baixos na música nordestina se apresentava como um objeto de estudo externo ao pesquisador”, diz Rugero, foi a partir de uma “exigência” de Calixto que

o objeto de estudo adquiriu uma existência física e não somente intelectual. Para os sanfoneiros, seria necessário que eu aprendesse a tocar este instrumento para compreender certos meandros culturais (...) – a dificuldade técnica inerente ao instrumento; a desvantagem em relação ao sistema moderno do acordeon de teclado; o domínio quixotesco de repertórios de música instrumental adaptados a este instrumento; a natureza intrínseca dos repertórios tradicionais que formaram a base do forró e que nasceram nos botões do fole de oito baixos. Estes são apenas alguns pontos principais que foram observados com maior acuidade, desde o momento em que houve a mudança de perspectiva propiciada pela interlocução com o sujeito principal (...).

É como se houvesse uma espécie de endosso, na lógica dos sanfoneiros com quem ele conversava, a toda uma classe de orientações metodológicas dispostas tanto por educadores de uma longa tradição empiricista – para quem as conceituações deveriam vir posteriormente a uma experiência dos sentidos e do fazer – quanto por antropólogos que, a exemplo de Malinowski, advogaram a chamada observação-participante como condição *sine*

qua non para a compreensão da cultura. Especificamente na etnomusicologia, pode-se logo evocar os argumentos de Mantle Hood a respeito da primazia de uma experiência “física”, orgânica, de determinada música que se queira estudar, quando se quer compreender aquilo que seus praticantes fazem, sentem e têm como sistema de valores⁷.

Há também, na interlocução entre músicos, fatores que favorecem o processo de pesquisar. Sobre variações que são percebidas na própria “atmosfera” de um diálogo, David Ganc salientou o benefício de um diálogo entre pares, em que o compositor entrevistado sentiu-se à vontade para falar sobre aspectos que a seu ver tinham maior poder explicativo que as respostas “sobre nomes e datas”, comuns nas entrevistas com jornalistas.

(...) ele abriu um sorriso e disse: “Ah, isso ninguém me perguntou”, e comentou que às vezes os jornalistas eram “redundantes e repetitivos” (...). A pergunta, se não me engano, era (...) sobre investigação relativa ao pensamento musical na composição e na improvisação. Senti sua felicidade em ter um interlocutor sobre assunto musical muito próprio, internalizado.

Avaliando situações do trabalho de campo, Leonardo Rugero salientou como fator favorável o tom informal de uma conversa entre músicos, contrastando-o com a postura de um “discurso construído” que os sanfoneiros podiam adotar ao responder a perguntas de jornalistas e pesquisadores.

Ao lado disto, a atitude de “deixar-se levar” durante a interlocução também aparece como produtiva e desejável na reflexão de David Ganc, para quem “é preciso estar atento ao imponderável e, como na música, ao improviso”. Contando com a colaboração do compositor e instrumentista Nivaldo Ornelas em uma série de diálogos, para analisar um setor da obra deste músico, David alude à filmografia de Eduardo Coutinho, para pensar a entrevista como “a arte de deixar o outro falar”⁸, vencendo-se a dificuldade inicial de qualquer diálogo “mediado por um gravador”. Neste mesmo sentido, diz também que é necessário “desprendimento”, pois “o processo de diálogo,

7 Sobre esta ênfase na experiência direta e o conceito de bi-musicalidade, ver Hood, 1960.

8 Ver entrevista do cineasta em Frochtengarten (2009).

geralmente rico e inesperado, pode levar a linha de pensamento a lugares não imaginados no início da trajetória”.

No trajeto da “linha de pensamento” existe a possibilidade de alteração de rumo das próprias ideias iniciais sobre o método de pesquisa, quando submetidas à visão do outro, como no citado relacionamento de Rugero com os sanfoneiros. Foi também o que aconteceu na interação de Júlio Erthal com jovens estudantes de Londrina, conforme este declara:

Inicialmente, no papel de mediador do estudo, sugeri a alguns jovens a possibilidade de selecionarmos membros para o grupo apenas entre estudantes do período noturno da escola, instituição com a qual eles possuíam vínculo e onde aconteciam os ensaios. A proposta foi discutida e, posteriormente, chegamos à conclusão de que este leque deveria ser mais amplo, agregando também algumas pessoas de fora da escola, que se engajariam mais no projeto. O que observei no processo é que, em médio prazo, houve realmente maior interesse dos membros “externos” que entraram para o grupo, e que se o Desejo de Amar [nome do conjunto] fosse depender exclusivamente dos alunos da instituição educativa (...), o trabalho possivelmente perderia fôlego e não teria continuidade.

A terceira pergunta enviada aos colaboradores inquiriria sobre maneiras de representar a interlocução no relatório final de pesquisa, seja este apresentado como etnografia ou qualquer outra modalidade de estudo qualitativo em que participam outras pessoas. Perguntava ao mesmo tempo: o que dizemos sobre o papel da interlocução na construção e autoria de determinada “descoberta” ou interpretação?

Em resposta, houve mais de uma menção à proteção de identidades, segundo a estratégia institucionalizada do anonimato, dos nomes fictícios etc. – como em trabalhos com menores de idade, ou caso se diga algo de potencialmente comprometedor para os interlocutores ou outras pessoas. Mas isto não deixou de ser problematizado por Leonardo Rugero, como procedimento a adotar apenas “em casos de questões graves”, de modo que “o ocultamento dos personagens” não venha a comprometer o “reconhecimento e legitimação do corpo teórico nativo”. Diz Rugero:

Acredito que a interlocução possa ser apresentada através de uma descrição minuciosa, que deve incluir detalhes de momentos significativos que tenham influenciado (ou até mesmo norteados) determinado momento da pesquisa. Em tais casos, devemos apontar a autoria ou relevância dos interlocutores envolvidos na pesquisa. (...) A interlocução também se apresenta de forma instigante quando se estrutura como eixo condutor da narrativa etnográfica, de onde se desprendem as principais questões que serão posteriormente problematizadas durante o processo de reflexão decorrente (...).

A citação faz pensar no recurso da representação direta dos diálogos, como nos textos etnográficos de Luciana Prass (PRASS, 2004; 2013), em que, com base em gravações ou em memória dos episódios vividos em campo, a autora reconstrói processos de autoquestionamento, a partir do que disseram seus interlocutores. É curioso, aliás, que a reconstrução de diálogos em forma escrita não seja prática tão presente nos relatórios de pesquisa quanto sugere a ideia geral do “trabalho de campo”, baseado em observação de acontecimentos e conversas com pessoas. Tendo em mente o gênero etnográfico, Júlio Erthal raciocina que

Em uma etnografia, a interlocução pode aparecer de maneira explícita (como nas citações dos depoimentos em uma entrevista, por exemplo), mas creio que, na maior parte do tempo, fica implícita, em reflexões provocadas pela interação entre os participantes de uma pesquisa. No primeiro caso, o uso de aspas e outros recursos deixam claro, no texto, a autoria de uma declaração ou da ação das pessoas que estão envolvidas em determinado episódio ocorrido na investigação (...). Já nas situações onde a interlocução fica implícita, cabe ao etnógrafo encontrar a melhor maneira de explicitar a participação da/s outra/s pessoa/s.

A relevância da “maneira explícita” foi consensual entre os pesquisadores que colaboraram aqui. Jonathan Gregory fala com convicção de uma forma de escrever “citando as vozes, colocando-as em evidência, deixando claro quem disse o quê e evitando que elas escorreguem na voz do autor”. Fazendo evocar aquele pensamento de Clifford sobre transparência e equidade na apresentação

do conhecimento gerado, Gregory ressalta que “um dos papéis da interlocução no trabalho etnográfico é abrir espaço para outras vozes, diminuindo a autoridade do pesquisador na construção e interpretação do objeto”.

É pensamento consonante com o de David Ganc, para quem “é importante descrever com detalhes a interlocução, pois ela é um dos elementos cruciais usados no caminho que provavelmente conduziu o pesquisador a chegar a determinada ‘descoberta.’” Ganc aponta igualmente um critério capaz de filtrar excessos na escrita: “sobre a interlocução, devemos descrever principalmente os trechos que levam o pesquisador a ter determinado *insight*, aquele que não teria sido possível ser alcançado sem a interlocução”. E diz ainda que “[t]ão ou mais importante que a “linha de chegada” é a escritura sobre como alcançamos determinado objetivo”.

Com isto, firma-se posição no sentido de desmistificar o processo de construção de conhecimentos e interpretações em pesquisas qualitativas, oferecendo-se ao mesmo tempo elementos necessários a uma crítica de seus meios e resultados. Um mesmo sentido de honestidade intelectual parece atravessar as reflexões dos quatro colaboradores: o percurso deve ser revelado, assim como as contribuições recebidas, com igual reconhecimento de fontes da literatura e fontes de interlocução “em campo”. Erthal inclusive volta-se sobre a pesquisa já concluída, para dizer sobre a forma da escrita:

De imediato não me recordo de ter sido explícito, apontando determinada reflexão a uma pessoa em especial na dissertação. Mas não tenho certeza. Parece que, nestes casos, só me referi, em termos de autoria, aos diálogos que tive com a literatura, destacando o nome do autor dentro ou fora do parêntese, ou em notas de rodapé. Pensando melhor agora sobre o tema, (...) creio ser importante que essa participação via diálogo seja registrada, ficando evidente para quem está lendo a autoria de determinada “descoberta” ou interpretação, principalmente a maneira como chegamos a ela.

E durante a primeira revisão deste texto, Erthal apresentou um adendo:

De fato, na grande maioria das situações, não coloquei explicitamente a autoria do outro na

etnografia, esse outro enquanto “gatilho” para determinada “descoberta” ou interpretação que fiz no campo. No entanto, lembrei de um exemplo que cabe aqui, referente ao primeiro encontro que tive com jovens em uma sala de aula da escola londrinense. Na ocasião, tentei verificar por meio da apreciação de algumas gravações se eles sabiam diferenciar o novo pagode (adjetivado como “romântico”, pelos acadêmicos e jornalistas) do samba (este entendido aqui de uma maneira bem ampla, genérica). Observando as reações desinteressadas dos jovens pela atividade proposta, pude aprenderin loco que, em princípio, o gosto dos jovens pelo pagode era avesso a teorizações, racionalizações, categorizações e afins, elementos tão caros aos acadêmicos (incluindo a mim neste rol!). Ao longo da pesquisa, pude constatar que esse envolvimento dos estudantes pesquisados com a música tinha maior relação com a sua experiência, com o ato de vivenciar o pagode pela escuta ou pelo fazer musical. Ou seja, por meio dessa interlocução com os jovens, propiciada pelo “estar lá”, aprendemos também ao observar a sua reação, a maneira como se expressam em determinadas situações. (...)

Mais limites da interlocução

Cabe retomar, ao fim da seção, o tópico das limitações com relação ao potencial da interlocução. Uma delas é que, contra os interesses de aprofundar o diálogo, certas condições que separam pesquisadores acadêmicos dos músicos e outros agentes em contextos de prática musical costumam ser marcantes, a ponto de tender a separá-los também após o “trabalho de campo”. É uma questão, para quem pesquisa, tratar de contornar essas barreiras e criar condições para a continuidade⁹.

A possibilidade de que experiências de pesquisa cheguem a “construir pontes entre o conhecimento popular e o conhecimento acadêmico”, como disse Jonathan Gregory, parece depender de ações metodológicas em dois tempos: o tempo da atuação no campo, durante a condução da pesquisa; e o posterior a ela, cuidando para que os diálogos mantidos durante uma investigação tenham

9 Para uma consideração de problemas e vantagens em pesquisas de longa duração, ver Seeger, 2008.

continuidade e fomentem novas reflexões, leituras e elaborações do discurso, na vida “pós-campo”. E para superar distinções entre conhecimentos, ou mesmo antes disso, parecemos depender também de ações associativas, como iniciativas e campanhas por uma resignificação do conhecimento como produção humana de acesso direto, equitativo e não excludente, marcando-se um contraponto ao modo como se organizam, na produção capitalista, a propriedade intelectual, a distribuição e o consumo de produtos do “mercado editorial” acadêmico¹⁰.

O teor geral deste ensaio propõe reforço das condições que possam gerar benefícios bilaterais e mais gerais, em trabalhos de pesquisa. Com esta orientação, continua-se a pensar a interlocução com parâmetros de uma experiência ética e epistêmica, nas seções seguintes.

Produções em coletivo e mais considerações

Algumas outras ações recentes vinculadas a pesquisas e, de modo geral, os exames críticos da produção de conhecimento sobre culturas e práticas musicais em andamento no Brasil instigam à consideração ética e política. Dentre outras referências, há indicações, explícitas ou não, de que a obra do educador Paulo Freire tem influência nas análises da desigualdade em regimes de conhecimento e, de par com essas análises, nas propostas e ações de coordenar esforços de “educadores e educandos”, num processo de produção conjunta de conhecimento, que ele chamou de *síntese cultural*¹¹ – e uma das maneiras de transpor a ética democratizante de Freire a outros campos tem sido a defesa de uma parceria mais estreita entre “pesquisadores e pesquisados” no trabalho etnográfico¹².

Propostas de colaboração na metodologia do trabalho de campo e na autoria de textos e outros produtos têm sido ativadas com participantes de pesquisas com práticas musicais no país, e o campo disciplinar da etnomusicologia tem sido especialmente produtivo nessa vertente¹³. Como investigação etnográfica, ou tomando outras conformações, são iniciativas que fortalecem o papel do diálogo em pesquisas, e minam premissas e comportamentos hierárquicos entre categorias sociais que têm muito mais ou muito menos acesso às práticas de pesquisa. Dito com outras palavras: nessas colaborações, pode-se ver uma tendência dos participantes acadêmicos e não-acadêmicos a se emanciparem reciprocamente dos sentidos de hierarquia tradicionalmente fundados numa diferença de posse e legitimidade dos conhecimentos.

É o caso do grupo de pesquisa Musicultura, que é ligado ao Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, e que vem produzindo, com coordenação de Samuel Araújo, sucessivos levantamentos e análises sobre atividade musical e vida social no bairro em que seus integrantes moram, e problematizando-as em relação com as políticas da cidade e mais gerais, contando também com participação de moradores de outras localidades e diversas colaborações acadêmicas.

Outro trabalho continuado, de Glaura Lucas com a comunidade dos Arturos, em Contagem-MG, resultou na organização do cd-livro *Cantando e Reinando com os Arturos*, produzido em sistema de deliberação conjunta para apresentar seu sistema de práticas e valores na congada. Desde então, colaboram na organização e tratamento do acervo documental que a comunidade vem acumulando, o qual inclui pesquisas acadêmicas sobre eles, com a intenção de criar um centro de memória.

Num terceiro exemplo, Rosângela de Tugny, trabalhando com os indígenas Titkmu'un (nomeados externamente como Maxacali), coordenou a produção do livro e dvd *Cantos e Histórias do Gavião-Espírito* – apresentado como o primeiro de uma série – em que os autores indígenas representam seus cantos, narrativas e imagética, como parte das lutas para afirmar sua existência e direitos à terra.

Tanto os representantes da comunidade dos Arturos e dos Titkmu'un como o grupo Musicultura têm par-

10 Ver apontamentos para discussão no “Relatório sobre a Mesa-redonda ‘Sustentação da comunicação e divulgação científicas como bens públicos’”, nos Anais do VI Encontro Nacional da ABET, realizado em João Pessoa, PB, de 27 a 31 de maio de 2013.

11 O significado do termo *síntese* no contexto de sua obra faz evocar uma dupla origem: a dialética socrática, como arte do diálogo visando ao saber; e a dialética hegeliana, como superação de uma contradição entre opostos que Freire identificava na prática escolar como confronto entre a “cultura do professor” e a “cultura do estudante”, e que propunha superar, especificamente no processo de alfabetização, mediante uma análise e aprendizagem conjunta que chamou de “leitura do mundo” (FREIRE, 1997).

12 Ver Prass, 2013; Araújo, 2009; Cambria, 2008.

13 Ver Araújo et al., 2006; Lucas; Luz, 2006; Lucas, 2011; Tugny, 2009; Lühning; Pamfilio, 2012.

tipado de encontros acadêmicos – em universidades, congressos, oficinas –, em que apresentam e contextualizam sua produção. Parece ser comum a esses casos que o estudo e a publicação de resultados integrem os interesses de acadêmicos e não-acadêmicos participantes, situando-se ademais num plano de afirmação da existência e resistência de grupos sociais mais amplos.

Diversas modalidades de pesquisa-ação – uma metodologia-base para implementar propostas de cooperação, em várias disciplinas e interdisciplinarmente – são praticadas também no âmbito do ensino de música, e cito projetos¹⁴ em que estudantes deliberam conjuntamente, em aula e extra-classe, sobre conteúdos, procedimentos e apresentação dos resultados em seus processos de aprendizagem – tomando decisões também sobre como fazer circular sua produção de composições e arranjos. Nesses casos, as ações organizadas por pequenos coletivos de estudantes parecem operar também com a “afirmação de existência” para sujeitos que lidam constantemente contra tendências – estruturadas na própria atividade curricular – à invisibilidade de seus saberes musicais não-curriculares, e à dificuldade de sua organização em parcerias e grupos.

Mais considerações sobre a interlocução em pesquisa

Com apoio de uma vertente crítica e reflexiva da produção acadêmica¹⁵, verifica-se na pesquisa etnográfica, e na pesquisa qualitativa de modo geral, a ocorrência de variados padrões de interação entre pesquisador/a e seus interlocutores em campo, inclusive com diferenças notáveis nas relações de poder entre quem pesquisa e quem é “pesquisado”. Tal conjunto de literatura vem apresentando argumentação que nos convenceria inclusive a abandonar o uso de termos como “relação pesquisador-pesquisados”, uma vez que entendêssemos que o *objeto* de estudo em pesquisas etnográficas não são “eles”, os “pesquisados”, mas sim uma delimitação explicitada das significações e das relações *entre sujeitos* – incluindo

no exame a situação destes e de sua prática numa história de sociedades e culturas, economias e políticas¹⁶.

Pode-se entender também (como quando Clifford fala sobre a “edição dialógica”, por exemplo) que a compreensão verbalizada de um objeto qualquer será mais adequada e justamente apresentada – em sua *forma* etnográfica – se resultar de um diálogo, uma discussão continuada e uma escrita compartilhada entre sujeitos que podem incorporar experiências de vida e tradições de conhecimento distintas, mas que – a partir de uma negociação para pesquisa – se propõem analisar aquele objeto e construir sobre ele uma interpretação comunicável a outrem, outros sujeitos externos àquele relacionamento.¹⁷

Assim, o encontro entre duas ou mais pessoas pode dar impulso a um *processo* epistêmico – no sentido de passarem por uma experiência de reflexão conjunta, dando-lhe continuidade por meio de conversas, consultas a terceiros, leituras, análises, interpretações. Isto equivale a ingressar com outro(s) sujeito(s) em processo de formar uma compreensão ampliada e teorizada sobre aquilo que é vivido. Os estudos desse tipo – quando apresentam discussão sobre o uso de conceitos, o método, as formas de representação etc. – formam bases para a comunicação *entre os estudos* de práticas musicais, que seguem se multiplicando e demandam uma avaliação sobre sua capacidade de gerar “discursividade”, ou pontes entre pesquisas, sustentando assim nossa produção de conhecimento¹⁸.

Mas conversar com outros, com vistas a ampliar a compreensão de algum tema, delimitado por acordo entre as partes, não é tarefa rotineira, nem de rápida resolução; ao contrário, demanda indagação, reflexão, autocrítica e outras atitudes cuja expressão aberta e compartilhada

14 Ligados à pesquisa de Iniciação Científica “Composição de repertórios para o ensino de música”, conduzido com licenciandos/as, em uma disciplina do currículo na Escola de Música da UFRJ e em outros contextos em que eles/as já atuam como professores/as. Ver Bitencourt et al., 2008; Salgado et al., 2011; Quintanilha; Salgado, 2008.

15 Ver p. ex. Clifford; Marcus, 1986; Barz; Cooley, 1997; Clifford, 1998; Latour; Woolgar, 1997.

16 Sobre esta proposta pela contextualização crescente de uma prática musical, ver artigo de Thomas Turino (1999). Ver também, em estudos de ecologia, Vayda (1983).

17 Nestes parágrafos, as palavras sujeito, objeto e forma estão em destaque por conta de sua relevância para a discussão metodológica que o ensaio propõe. Consolidadas no uso, porém sempre passíveis de reexame, podem adquirir novo contorno conforme consideração ética/epistemológica. Por exemplo, aqui o “objeto de estudo” pode significar um evento ou processo, mas o termo não será aplicado aos sujeitos envolvidos na prática sob estudo, que serão vistos como agentes dessa prática e participantes da pesquisa, e assim por diante.

18 Ver argumentação de Miguel Angel Garcia no “Relatório sobre a Mesa-redonda ‘Sustentação da comunicação e divulgação científicas como bens públicos’”, nos Anais do VI Encontro Nacional da ABET, 2013.

pode ser relativamente estranha à ordem da prática. A literatura é farta em advertências aos pesquisadores sobre a inadequação de impor comportamentos e categorias externos à prática de seus interlocutores. E inclusive para muitos pesquisadores acadêmicos que se iniciam na atividade, essas atitudes de indagação e reflexão em diálogo podem não estar incorporadas ainda, não sendo habituais. Mesmo sob a pressão de outros hábitos e outras urgências, no entanto, uma forma reflexiva de trabalhar em conjunto é muitas vezes bem recebida em campo; por exemplo, entre músicos-estudantes e professores universitários com quem fiz pesquisa etnográfica, a ocasião de “parar para pensar” foi saudada diversas vezes com expressões entre a surpresa e o bom-humor (ver SALGADO, 2005a).

De todo modo, cabe lembrar que a interlocução em pesquisas representa uma frente de trabalho não-institucionalizado, não-remunerado, para a maioria dos participantes, na maioria das situações, e isto parece demandar uma constante clareza de exposição e discussão dos interesses, a fim de que as dificuldades não comprometam a disposição dos sujeitos em sustentar o compromisso com o projeto. São, em suma, cuidados práticos e comuns a projetos coletivos em geral, que se articulam ao constante questionamento ético-metodológico sobre *como se relacionar com outros* – em níveis de alteridade sempre emergentes – e como dar forma a um conhecimento vinculado a esses encontros.

Concluindo

De um ponto de vista ao mesmo tempo técnico e ético, um “diálogo para a compreensão”, delineado por Burbules, parece o tipo mais adequado a interlocuções que negociem abertamente com a alteridade nas práticas sociais do som. Ao reconhecer, como premissa de conversação, a diferença interna ao universo de discursos sobre música, interessa manter um diálogo em que o pesquisador acadêmico, principalmente, se pergunte: “o que quer que eu pense a respeito, por que esta pessoa olha para as coisas desse jeito, e o que a levou a essa visão?”.

Nesses moldes, a pesquisa baseada em interlocução não se confundirá com outros projetos, por não implicar uma expectativa preconcebida de ensino ou aprendizagem, de conversão ou conscientização – em que uma das partes supostamente teria a prerrogativa de trazer ao outro determinada “luz”. Trata-se, em vez disso, de conce-

ber um componente-motor para pesquisas que buscarão criar as condições para uma colaboração entre sujeitos que se vejam – pelo menos a partir de certo ponto da trajetória – mutuamente compromissados em examinar determinada prática de música e teorizar sobre ela. Como indicamos no comentário de pesquisas e na menção a outras ações recentes, a própria criação dessas condições e os momentos dessa negociação são analisados dialogicamente, e vão figurar na produção final – relatórios e outras formas negociadas. É, enfim, uma forma de ação intelectual colaborativa, em que objeto, objetivos e meios de estudo vão se configurando no diálogo – ele mesmo sendo um modo operacional central e constante no método de pesquisa.

O processo da interlocução como pensamento, como encontro epistêmico – de acadêmicos e outros agentes interessados em examinar um tema – tem relevância ética imediata como prática social e micropolítica, por poder promover, já “no campo”, sentidos de emancipação com relação às pressões do hábito, da reprodução social e da hierarquia, que condicionam cada um dos participantes. Outra relevância está na construção de parcerias para a comunicação de conhecimentos, para além do encontro e do tempo de pesquisa, mediante deliberação sobre os meios e garantias de acesso aos resultados por leitores, pesquisadores acadêmicos e praticantes.

Buscando sintetizar, enfim, os principais interesses, problemas e argumentos presentes neste ensaio, apresenta-se a seguir uma lista com três pontos para discussão em aulas e grupos relacionados à atividade de pesquisa com práticas de música:

1. Nota-se frequentemente a incomunicação, o hermetismo do trabalho científico, a alienação mútua entre “informantes/respondentes” de uma pesquisa e seu autor acadêmico, concretizados no distanciamento entre os primeiros e os espaços e meios de circulação do saber acadêmico em geral – além de outros efeitos de uma separação social mediada por sentidos pouco questionados de hierarquia. De um ponto de vista ético e político, isto parece pedir reavaliação das ações habituais na praxe acadêmica, do menor círculo universitário até as relações mais amplas em que esse círculo está implicado.
2. Ao participarem de uma investigação, pesquisadores acadêmicos e agentes de uma prática

musical podem negociar uma produção teórica mutuamente validada, por responder a interesses discutidos e deliberados entre eles. Esta é uma das formas com que se pode enfrentar problemas de relevância da pesquisa – em sentido ao mesmo tempo “social” e “epistêmico” –, à medida que os participantes levantam questões sobre aquela prática, buscam responder a elas e, envolvidos com o processo de investigação até seus momentos de publicação, negociam ainda questões de forma e conteúdo na apresentação de resultados.

3. Para teorizar sobre a ação musical, com empenho na compreensão dos valores, da técnica, dos fatores que orientam as ações dos diversos agentes, o discurso sobre o som não é menos (nem mais) importante que o discurso sonoro. Ambos se articulam na ação dos músicos e co-produtores de uma prática musical, e a interlocução sustentada numa pesquisa tende a criar condições para a elaboração conjunta de discursos potentes e adequados ao conhecimento incorporado e acionado pelos sujeitos.

Referências

- ABET (Associação Brasileira de Etnomusicologia). *Anais do VI Encontro Nacional da ABET*, 2013. (a publicar, em www.abetmusica.org.br).
- ARAÚJO, S. M. Diversidade e desigualdade entre pesquisadores e pesquisados. Considerações teórico-metodológicas a partir da etnomusicologia. *Desigualdade & diversidade* (PUCRJ), Nº 4, p. 173-191, 2009.
- ARAÚJO, S. M. et al. Conflict and violence as theoretical tools in present-day ethnomusicology: notes on a dialogic ethnography of sound practices in Rio de Janeiro. *Ethnomusicology*, 50(2), p. 287-313, 2006.
- ARAÚJO, Samuel; SALGADO, José Alberto. Musical knowledge, transmission and worldviews: Ethnomusicological perspectives from Rio de Janeiro, Brazil. *The World of Music*. Berlim: VWB-Verlag fur Wissenschaft und Bildung, vol. 51, n.3, p. 75-90, 2009.
- BARZ, Gregory F.; COOLEY, Timothy J. (eds.) *Shadows in the Field – New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. New York: Oxford, 1997.
- BERNARD, H. R. *Research methods in anthropology*. Altamira: Rowman, 2011.
- BITENCOURT, R. L.; PESSOA, P. P.; SALGADO, J. A. A metodologia da pesquisa-ação em práticas de composição no ensino de música. *Anais do XVII Encontro Anual da ABEM*, 2008. v. 1.
- BOURDIEU, Pierre. *The Logic of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- _____. *Practical Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BURBULES, Nicholas. Varieties of Educational Dialogue. *The Journal of the American Society for Philosophy of Education*, 1990.
- CAMBRIA, Vincenzo. Novas estratégias na pesquisa musical: pesquisa participativa e etnomusicologia. In: ARAÚJO, S.; PAZ, G.; CAMBRIA, V. (orgs.) *Música em Debate: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, p. 199- 211, 2008.
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica – Antropologia e Literatura no séc. XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (eds.) *Writing Culture – The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- ERTHAL, Júlio César Silva. *Desejo de Amar – um estudo etnográfico sobre a presença do pagode no cotidiano de um grupo de jovens da periferia de Londrina/PR*. 2012. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, Vol.14, n.28, p. 139-152, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1997 [1970].
- FROCHTENGARTEN, Fernando. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. *Psicologia USP*, Vol.20, n.1, p. 125-138, 2009.
- GREGORY, Jonathan Alexander. *Os carnavais do Monobloco: um estudo etnomusicológico sobre blocos e oficinas de percussão no Rio de Janeiro*. 2012. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- HOOD, Mantle. The challenge of bimusicality. *Ethnomusicology*, vol.4, n.2, p.55-59, 1960.
- LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A Vida de Laboratório – a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LUCAS, Glaura; LUZ, José Bonifácio da (Coords.). *Cantando e Reinando com os Arturos*. Belo Horizonte: Ed. Rona, 2006 (2 cds incluídos).

- LÜHNING, Angela; PAMFILIO, Ricardo. Os meandros sinuosos entre história oral e documentação fotográfica: capoeira em Salvador nas fotos de Pierre Verger. *Música e Cultura*. vol. 7, n. 1, p. 70-87, 2012. Disponível em <<http://musicaecultura.abet-musica.org.br/artigos-07-1/MeC07-1-Luhning-Pamfilio.pdf>>.
- NETTL, Bruno. *Heartland Excursions – Ethnomusicological reflections on schools of music*. Urbana: Univ. of Illinois Press, 1995.
- _____. *Encounters in Ethnomusicology – A Memoir*. Warren: Harmonie Park Press, 2002.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Ed. Unesp, 1988.
- PEIRANO, Mariza G. S. *A teoria vivida – e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PERES, Leonardo Rugero. *Com Respeito aos Oito Baixos: um estudo etnomusicológico do estilo nordestino da Sanfona de Oito Baixos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PRASS, Luciana. *Maçambiques, quicumbis e ensaios de promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.
- _____. *Saberes Musicais em uma Bateria de Escola de Samba – uma etnografia entre os Bambas da Orgia*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.
- QUINTANILHA, J. C.; SALGADO, J. A. Procedimentos didáticos em educação musical com práticas de composição. *Anais do XVII Encontro Nacional da ABEM*, 2008.
- RAZ, Joseph. *Engaging Reason – On the theory of value and action*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- SALGADO, José Alberto. *Construindo a profissão musical: uma etnografia entre estudantes universitários de Música*. 2005a. Tese (Doutorado em Música), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- _____. Variações sobre o tema da gafeira: um conjunto na Lapa carioca. *Debates*, n.8, p.39-69. 2005b.
- _____. Notas sobre Descrição, Diálogo e Etnografia. *Música e Cultura*, vol. 6, p. 57-68, 2011. Disponível em <<http://musicaecultura.abetmusica.org.br/MeC06-Jose-Alberto.pdf>>.
- SALGADO, J. A.; NAVARRO, L. S.; LACERDA, L.C.C.; GAGLIARDI, A.C. . “Práticas de criação e pesquisa em música durante a formação docente – análise de uma experiência de curso”. *Anais Eletrônicos, II Encontro Regional sobre Formação de Professores para o Ensino de Arte e I Encontro Nacional de Formação Docente em Artes: Desfronteramentos*, 2011.
- SEEGER, Anthony. Long-term field research in ethnomusicology in the 21st-century. *Em Pauta*, Vol. 19, n.32/33, p. 3-20, 2008.
- SPIX, J.B.; MARTIUS, C.F.P. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981 [1828].
- TUGNY, Rosângela Pereira de (org.) e narradores, escritores e ilustradores da Terra Indígena de Água Boa. *Cantos e histórias do Gavião-Esprito*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.
- TURINO, Thomas. Estrutura, contexto e estratégia na etnografia musical. *Horizontes Antropológicos*. n.11, p.13-28, 1999.
- VAYDA, Andrew P. Progressive contextualization: Methods for research in Human Ecology. *Human Ecology*, vol. II, n. 3, p.265-281, 1983.

